

Brasília

ENCONTRO COM A HISTÓRIA

“Inauguramos um espírito novo”

JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA

Nova York, 6 de abril de 1966

Meu Caro César Prates:

Sua carta foi como que um programa de televisão para mim.

Acompanhei-o na varanda do Catetinho, diante da paisagem do Planalto, sonhando os mesmos sonhos que nos animaram na fase heróica do início da construção da Nova Capital.

Tenho bem em conta o que representou naquela hora a aventura de um pequeno grupo de pioneiros cuja lembrança, gravada no bronze, ficará perpetuando o esforço dos meus dedicados amigos.

Considero o Catetinho e a luta que vocês realizaram a primeira semente que deitamos no Planalto Brasileiro.

Nunca deixei de pensar sobre estes episódios, mesmo quando me via cercado pelo carinho e pela amizade de vocês.

Imagine agora como esta idéia não me saíra da cabeça, vivendo num meio indiferente ao nosso destino, ignorando o que fizemos e constantemente agitados por um frio que não tem fim.

O céu azul que se arqueia sobre o Catetinho é uma das luzes mais belas que recebi sobre a minha cabeça.

De dia o azul profundo e de noite as estrelas a piscar sem pausa.

Na carta de Juscelino a César Prates a saudade dos tempos heróicos do Catetinho

JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA

Estou aqui, num escritório rígido de Manhattan, sem violão e sem whisky, sem luar e sem a paisagem familiar aos meus olhos, e mesmo assim me deixei contagiar pela beleza de sua carta, pela manifestação de sua alma tão poética e pela sensibilidade que foi sempre o traço mais simpático e encantador de seu caráter.

Depois do quinto whisky a Granada estremecia os nossos ouvidos com a beleza de sua voz.

As luzes que nós fizemos acender pela primeira vez no deserto brasileiro foram saudadas pela sua voz, pelos seus cantos e pela magia de suas serenatas.

Depois de dois anos de uma peregrinação triste e desalentadora, tenho ainda uma reserva de coragem para esperar dias melhores, e estes só virão quando tiver ao meu lado os meus velhos amigos que, como você, não deixaram apagar nunca a chama palpítante de uma amizade que é o meu maior tesouro e privilégio.

Muito obrigado por sua carta.

Vá conservando a voz para as noites que ainda nos aguardam diante desse céu imenso e profundo.

Cansei de evocar. Quero agora viver.

Espere-me para continuarmos o que a maldade dos homens quis interromper.

Um abraço muito afetuoso do

Juscelino

Recentemente, quando o Presidente João Batista Figueiredo restituíu a César Prates o exercício do Cartório do 1º Ofício de Registros de Imóveis de Brasília, a imprensa veiculou que ele acrescentara em seu gabinete a fotografia do Presidente da República ao lado da fotografia do ex-presidente Juscelino Kubitschek.

Com os cabelos grisalhos e sua característica fronte projetada, fomos encontrá-lo à frente de duas fotos, tal como a imprensa noticiaria.

Havíamos acabado de entrevistar os Irmãos Marinho e as fotos de Juscelino e Figueiredo lembraram-me “maldição do King's Bar”. César Prates confirmou que Osório Reis realmente retirara a fotografia de Juscelino da parede.

Para César Prates, a construção de Brasília começou quando o Congresso Nacional autorizou ao Presidente Juscelino Kubitschek a proceder à mudança da capital para o Planalto Central.

Após a autorização, Juscelino chamou o doutor Israel Pinheiro, nomeado presidente da NOVACAP, e disse-lhe que chamasse os dois Prates - eu e o comandante José Milton Prates, que fora seu piloto quando Governador de Minas Gerais. Assim que Israel Pinheiro saiu do Palácio, passou no Juca's Bar, no Rio de Janeiro, no Hotel Ambassador, e nos convidou.

Fui então nomeado Relações Públicas da NOVACAP. Eu sou funcionário nº 1 da NOVACAP. Como era funcionário do Banco do Brasil, fiquei à disposição da Companhia.

Passados uns dias, Israel Pinheiro me disse que eu procurasse o Marechal Lott, que na época era o Ministro da Guerra, e arranjassem umas barracas do Exército para trazer para Brasília, como alojamentos provisórios.

Nós, os boêmios amigos de Juscelino, sempre nos encontrávamos no Juca's Bar, de propriedade do engenheiro José Castro Chaves - o Juca Chaves. Foi ali que lhes contei o que Israel Pinheiro tinha me mandado fazer. O João Milton então disse: “Vamos fazer uma surpresa ao Juscelino e ao Israel. Em vez de levar as barracas, vamos fazer uma casa de madeira. O que vocês acham?”

Roberto Pena ficou entusiasmado e saiu para Belo Horizonte para tomar as primeiras providências.

O problema agora era arranjar o dinheiro sem que o Israel Pinheiro soubesse - nós pensamos que ele podia atrapalhar.

Foi feita então uma promissória assinada pelo comandante João Milton Prates e avalizada pelo Juca Chaves e o Oscar Niemeyer, e mandamos o Rochinha (Emídio Rocha) a Belo Horizonte para tomar o dinheiro, com meu irmão, que era gerente do Banco do Brasil.

O Carlos Prates não podia emprestar pelo Banco do Brasil, mas conseguiu que o Banco do Estado de Minas Gerais emprestasse.

Marcamos com o Roberto Pena - que vinha de Araxá com operários da Fertisa - para nos encontrarmos aqui no Planalto no dia 21 de outubro de 1956. Ele chegou de manhã e nós chegamos de tarde.

Foto: IVANY CAMARA NEVA

O Roberto tinha escolhido o lugar onde é hoje o Catetinho, por causa da mata e da nascente de água.

Ai começou a obra, sob o comando do Juca Chaves, que trabalhou intensamente, até que no dia 10 de novembro o Presidente Juscelino veio e inaugurou o Catetinho.

Foram previstos os mínimos detalhes. O presidente Juscelino não tomava banho em água fria, mas a gente tinha providenciado tudo, até isso. O Sebastião Calazans - o Tião da Onça tinha instalado uma serpentina no fogão de lenha, levando água quente para todos os banheiros. Eu então falei pro Presidente Juscelino: Bota o dedo debaixo dessa torneira, e abri. Ele quase queimou o dedo de tanto que a água estava quente.

Nessa tarde - depois dele almoçar um frango ao molho pardo que nós fizemos - ele deu aquele desacho com que os jornais abriram manchete: O PRESIDENTE DORMIU E DESPACHOU DA FUTURA CAPITAL DA REPÚBLICA.

Depois disso os “candangos” foram chegando e criaram o Núcleo Bandeirantes.

Foi quando o Brasil conheceu o chamado “Ritmo de Brasília”.

Acho que esse “Ritmo de Brasília” nasceu com o entusiasmo da construção do Catetinho em 10-dias, um local em que não existia nada.

Depois o Presidente Juscelino autorizou a construção do Palácio da Alvorada e do Hotel Brasília Palace, que estão, ambos, fora do Plano Piloto.

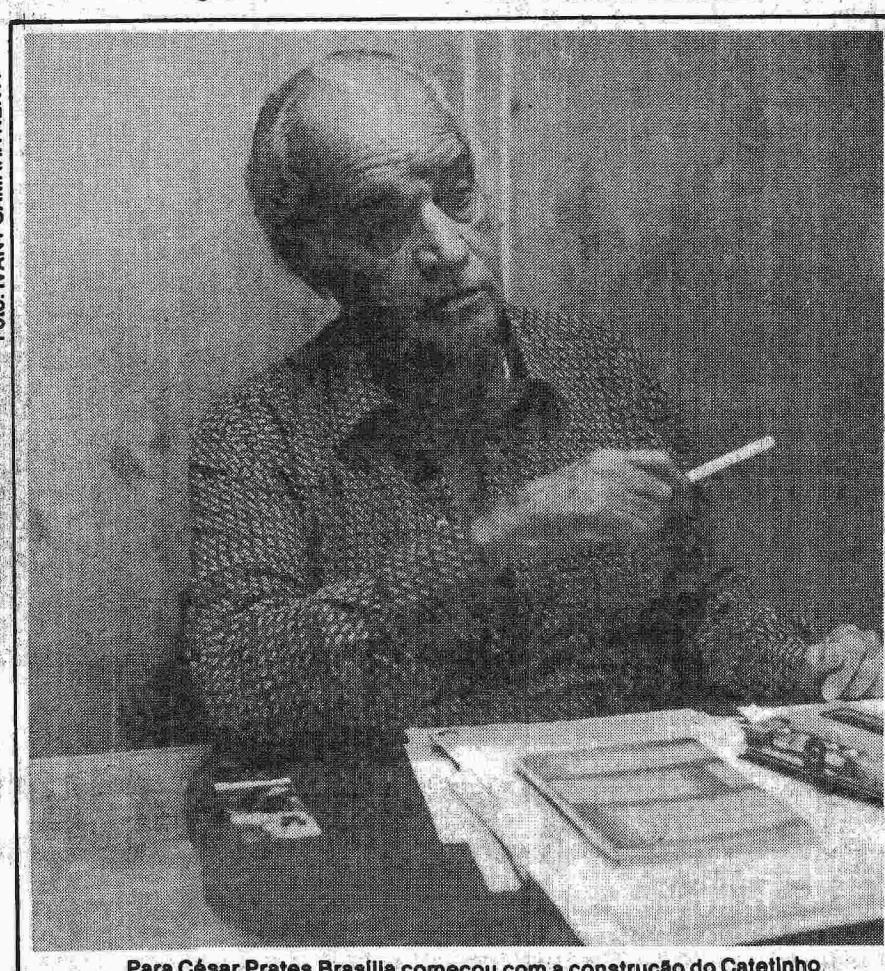
Mas Brasília, a cidade começou mesmo em Janeiro de 1958, quando o Juca Chaves começou a construir os prédios do IAPB - atual Superquadra 108 - inaugurando a primeira cumieira no Plano”.

César Prates, à medida que falava dessa época, foi se emocionando, citou nomes, fatos, e enalteceu o clima de companheirismo existente. Lembrou que Bernardo Sayão foi um dos primeiros ajudaram na construção do Catetinho. “Nós pedimos a ele que não contasse pro Israel Pinheiro que estávamos construindo o Catetinho, pois, como eu disse, tínhamos medo que ele mandasse parar a obra. Sayão era um homem formidável; lembrou que quando teve a idéia de construir a Ermida Dom Bosco, pegou o trator e ele mesmo iniciou a estrada”.

Fizemos o Catetinho sem nenhum interesse pessoal, e com isso inauguramos um espírito novo no Brasil.

Daqui faço um apelo, através de vocês do Correio Brasiliense: que o Governo do Distrito Federal dê mais apoio à conservação do Catetinho, providenciando o que for necessário, mesmo a remoção de uma tábua, de uma lâmpada. Para mim o Catetinho é a obra mais importante de Brasília”.

Concluindo César Prates lembrou com orgulho, que chegou na época da construção, e nunca mais saiu da capital. “Sou portanto, o mais antigo morador de Brasília. Daqui não saio nem morto. Quando em morrer, quero ir para o Cemitério Campo da Esperança, e ainda vou fazer muita serenata com o doutor Juscelino”.



Para César Prates Brasília começou com a construção do Catetinho